

As Categorias Fenomenológicas de Peirce: da Sensação, ao Conhecimento, do conhecimento ao Hábito¹

Adenil Alfeu Domingos)²

Unesp ó FAAC - Bauru (SP)

Resumo:

Este artigo fará a ligação entre as categorias fenomenológicas de Peirce, a outras tríades como as de Lírico, Épico e Dramático, segundo Emil Staiger e as idéias do filósofo e poeta Giambattista Vico e as idades dos homens, Freud do id, ego e superego, entre outros. Elas tratam de percursos que vão do homem do sentir, passando pelo homem de ânimo perturbado ao homem do refletir. É uma contribuição para a Teoria do Conhecimento, no que tange à capacidade da mente humana interagir com a realidade. O objetivo é demonstrar como essas tríades assemelham-se ao pressupor certo evolucionismo do ato das mente humana interagir com seu entorno. Se nos dois primeiros momentos a mente é mais afeita à percepção natural, no último ele chega aos pensamentos culturais mais abstratos eivados de valores sociais.

Palavras-chaves: semiótica, arte, comunicação, mente; evolução

Por uma Introdução teórica

Toda crença vira hábito; o habito paralisa o pensamento; instigar uma dúvida no hábito é colocar a crença em xeque, que se põe à procura de uma nova crença, instituindo novos hábitos. Assim, o homem se torna criador do novo. Esse novo signo é de natureza diferente do anterior e, de certo modo, o traduz e amplia seu significado, no processo de semiose. Esse é o modo como o pensamento evolui e faz a mente crescer, saindo do simples ato estético, passando pelo ético, para chegar ao lógico. A mente, assim, cumpre a lei natural do amor evolutivo que seria uma busca de uma perfeição onde estaria o admirável. Essa busca, porém, jamais será alcançada em sua plenitude, pois a semiótico é falibilista.

Os gregos (cf JAUSS, 2002b 85,103) já tratavam da *poiesis* (instante de prazer da imitação, criação como descoberta do novo); *aesthesis* (consciência da atividade da mente, de cognição do imitado) e *Katharsis* (plano de reflexão que se identifica com a ação da mente em julgar e expor). Toda busca do novo inicia-se no encantamento diante dos

¹ 1 Trabalho apresentado no GP Semiótica da Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Prof. Livre docente de Comunicação e Semiótica dos cursos de graduação e pós em Comunicação Social, da Unesp FAAC ó Bauru adenil@faac.unesp.br

estímulos desconhecidos, hipotéticos e cheio de incógnitas que provocam a mente com seus estranhamentos. Trata-se, de imediato, de uma relação imediata entre signo e objeto; em um segundo instante, a mente busca conhecer esses estímulos e, por meio do raciocínio como mediador, ela produz o signo novo ou seu interpretante, como produto mediato.

Intenciona se, aqui, ligar pensadores de tríades como o filólogo STAIGER (1908-1987) com as idéias de lírico, épico e dramático; as de cérebro trino do neurocientista MCLEAN (1990), a tríade de FREUD, id, ego e superego; a idade dos homens do filósofo e poeta VICO (1668-1744), além de outros, quando convier, com as idéias das tríades do semiótico norte-americano Charles Sanders Peirce (1839-1914). O intuito é demonstrar a evolução do ato de pensar do homem, a partir do sentir, passando pelo conhecer e depois pelo interpretar o mundo, que, de certo modo, são fundamentos das idéias desses pensadores. Além disso, interessa-nos provar como as categorias fenomenológicas de Peirce ultrapassam a simples retórica classificatória do modo de percepção e chegam a problemas cruciais da própria existência do homem, já que as tríades aqui tomadas afinam-se entre si ao deixarem entrever a progressão do pensamento ao se relacionar com seu entorno, já que, *o* existir é sentir a ação de fatos externos resistindo à nossa vontade (SANTAELLA (2008, p.47),).

Pitágoras e as categorias fenomenológicas de Peirce

As categorizações das operações mentais, para o matemático e geodésico Peirce, nascem com Pitágoras³, para quem todo o universo era feito de números, não só como quantidade, mas também como qualidade. O qualitativo se refere à interação de conjuntos fechados, enquanto o quantitativo designa relações contínuas⁴; Por representar uma idéia, todo número é signo. As categorias fenomenológicas da semiótica, desse modo, são pólos de interações relacionais entre idéias qualitativas (algo em um todo fechado) e quantitativo (algo com idéia de extensão).

Tratando desse assunto, em artigo de 2007, Melo Pimenta demonstra como nosso pensamento não é linear, pois a mente age de modo assimétrico e as idéias emergem aqui e

³ Peirce entendeu que a maior descoberta de Pitágoras foi a das relações numéricas entre as tensões das cordas, em diferentes intervalos quando esticadas, cujas razões seriam as raízes quadradas dos anteriores e que abriu as portas para as ciências físicas. (in PEIRCE, 1892 *Pitágoras ó Crítica histórica alemã*. MS 1278

⁴ Um ângulo, por exemplo, é caracteristicamente um número qualidade, porque qualquer que ele seja está sempre relacionado com todo o espectro de trezentos e sessenta graus a que pertence, como universo fechado; já um número quantidade designa quantos elementos existem em um quadro potencialmente infinito, enquanto o número qualidade é sempre finito e não homogêneo.

ali com lances de individualidade, mas os momentos de consciência não pertencem exclusivamente a uma única mente (alma individual, para Peirce); todo pensamento está integrado em uma rede de signos com três possibilidades de existência e combinações (então, produto da alma coletiva humana). Por isso, a base numérica da tríade fenomenológica da semiótica norte-americana baseia-se em signos independentes e interdependentes, ao mesmo tempo:

ão um é único, o dois inaugura a sua oposição na emergência da existência, e o três é a sua superação, através da razão, das leis. E os três primeiros números qualidade são os únicos que permitem somente uma única montagem (...)o número três possui uma natureza *sui generis*. Ele é a base de uma lógica que implica o ser e o não ser ó totalmente . diferente da natureza do número dois ó uma instabilidade entre o que se conhece e o que se descobre, raiz daquilo a que conceituamos como pensamento.ö (in PIMENTA, 2007, p.25) .

Pitágoras (in HUISMAN, 2001) também entendia o universo como um complexo de opostos, ordenados entre si, em toda e qualquer de existência: limite/ilimitado; par/impar; uno/múltiplo; direita/esquerda; macho/fêmea; repouso/movimento; retilínio/curvo; luz/obscuridade; bem/mal; quadrado oblongo que são *qualis* ainda não aplicados a objetos. Essa ordenação leva Peirce, por certo, a buscar a idéia clara, como sendo a que não se confunde com outra; caso contrário, elas seriam obscuras. A mente operara com relações tanto em conjuntos fechados e coesos de qualidades, mas também com um todo potencialmente infinito, ou seja, número de quantidades, indicando elementos da natureza discreta⁵. A diacronia acústica, exemplifica Pimenta (idem), exige um permanente exercício de relações, para que haja memória, em conjuntos fechados *a posteriori*. Peirce, portanto, entendeu as tríades dos signos como conjuntos qualitativos (primeiro, segundo e terceiro relacionandos entre si) e como quantitativos (unidades e pluralidades) de fenômenos. Dessas relações nasce o novo ou acaso (tiquismo) provoca a evolução do pensamento de modo sinequista.

De modo sucinto, as categorias de Peirce⁶ tratam da apreensão dos fenômenos e a geração de idéias pela mente em três instantes progressivos. Eles se iniciam nas puras

⁵ Para Melo Pimenta (2007) o número qualidade, por exemplo, representa sociedade orais, acústicas onde tudo está relacionado num contexto fechado. As chamadas sociedades abertas apenas podem existir num meio cunhado pelo número quantidade sem que disso se possa fazer um julgamento de valor. Tratam-se, apenas, de mundos diferentes.

⁶ «A faneroscopia é a descrição do faneron; por faneron entendo a totalidade coletiva de tudo aquilo que, de alguma maneira e em qualquer sentido que seja, está presente ao espírito, sem considerar de modo algum se isso corresponde a alguma coisa de real ou não. Se me perguntarem: presente quando e ao espírito de quem, respondo que deixo estas questões sem resposta, não tendo a menor dúvida de que estes traços do faneron que encontrei no meu espírito estejam presentes desde sempre e a todos os espíritos.» (*Collected Papers*, 1. 284.

qualidades de existência, passam pelo conhecimento desses existentes e chegam às generalizações e leis; a mente opera, de início, com o simples (semelhanças), depois opera relações de contiguidade (cognição de base metonímica), para chegar a operações mais complexas (interpretação e abstrações) quando traduz signos e objetos, intermediando-os.

O primeiro momento é de predominância da mônada em que a mente (eu) e o seu entorno não se distanciam; o segundo é o da descoberta do ser ou não ser, ou seja, da relação diádica entre fenômenos como causa e efeito, por exemplo; a terceiro instante, que acopla em si os dois primeiros, é o momento da produção da mente, como produtos de inferências, como signos das linguagens verbais ou não, dentro de contextos sociais. No primeiro, a mente age em presença do objeto e a percepção é tão instantânea e presente que ela se desfaz no primeiro instante de ação do juízo perceptivo. Na díade, o objeto aparece dentro de contextos espaciais e temporais, provocando choques não só com a mente receptora do mesmo, mas com os objetos entre si. É a luta que a mente realiza com os signos como estímulos exteriores novos, a fim de conhecê-los⁷, relacioná-los e adaptá-los aos demais, existentes da memória. Depois, essas substâncias se tornam matéria prima dos futuros pensamentos (terceiro ó mediador dos dois primeiros) de modo lógico, racional⁸. Assim sendo, a tríade de Peirce evolui do sentir, para o conhecer chegando ao ato interpretativo. À frente trataremos das relações dessa tríade com outras

Mclean: do cérebro réptil ao córtex

Por certo, a evolução cognitiva do homem é um produto primeiro resultado das pressões ambientais e dos elementos adquiridos por herança genética, na luta pela sobrevivência da espécie. A evolução das operações mentais, biologicamente, coincide com as idéias de cérebro trino de Paul Mclean⁹, embora sua teoria ainda não seja de aceitação plena no seio da comunidade científica. Paul divide o cérebro humano em três camadas: o reptiliano, basal ou R complex, formado pela medula espinhal e porções basais do telencéfalo, como primeiro nível de organização cerebral promotor de reflexos simples e

⁷ Conhecer, contudo, não tem por finalidade dominar o objeto e esgotá-lo em sua representação, mas oferecer uma linha de conduta suficientemente boa para que nosso ardente desejo de comungar com o objeto possa com o tempo, e cada vez melhor, se realizar (CP 2. 227)

⁸ Essa tríade aparece em outras como subdivisões de Peirce: os signos em relação a si mesmos são, então, abstrativos, os concretivos, coletivos; os objetos dinâmicos ou estímulos exteriores podem ser possíveis, ocorrência e necessitante; enquanto os objetos imediatos descritivo, designativos e copulantes; os interpretantes podem ser imediatos, dinâmicos e finais e subdividem-se em hipotéticos, categóricos e relativos; emotivos, energéticos e lógicos; remáticos, dicentes ou argumentativos, respectivamente.

⁹ Conforme seu livro *The Triune Brain in evolution: Role in paleocerebral functions* de 1990;

predomínio do tátil, como o comportamento agressivo, na demarcação territorial, no ritual e no estabelecimento da hierarquia social.; o segundo nível é funcional: trata-se do cérebro emocional, ou *õPaleommamalian Brain*, responsável pela motricidade grosseira. Nele se encontra o sistema límbico que controla o comportamento emocional e social, bem como o desenvolvimento do olfato e do gosto na maioria dos mamíferos: o terceiro é o neocórtex, como cérebro racional, responsável pelas abstrações e invenções, com incessante troca de interações e informações, com participação intensa da visão e audição. Vê-se nessa tríade a evolução já exposta antes, que se relaciona com a idéia de sentir-se integrado no todo, de modo natural, depois um distanciamento e a descoberta do outro no processo de socialização e finalmente a chegada ao homem cultural das linguagens inferenciais.

A tríade de Freud

A divisão psicanalítica freudiana¹⁰ em Id, Ego e Superego também se aproxima das categorias de Peirce: o id é um conjunto de energias psíquicas que determinam desejos; ego, é onde se dá a estruturação de todo conhecimento que o indivíduo possui de si e do seu meio; o superego estrutura-se a partir desses dois instantes anteriores com valores e regras sociais. O primeiro está relacionado aos instintos e lugar da libido, sendo o inconsciente primitivo que desconhece julgamentos de valores e procura satisfações imediatas dos prazeres cegos, além de ignorar a realidade; o segundo, que não existe sem o id, é o responsável pelo controle dos instintos, já que, ainda, procura conhecer a realidade para facilitar a interação da mente com o mundo, em momentos de tomada de consciência dessa realidade, a fim de manipulá-la para a satisfação da sua própria sobrevivência; entre as exigências do id e da realidade está o superego, que assimila regras de comportamento, pela educação para chegar ao autocontrole, na administração da luta entre a busca de recompensas e fuga das punições. Mais uma vez, sente-se a progressão do ato evolutivo de produzir pensamentos semelhantes as tríades de Peirce.

Nesse contexto, o antropólogo Claude Lévi Strauss (1978, p. 33) assegurou que houve um tempo em que õs homens não se diferenciavam de fato dos animais; os seres eram meio humanos e meio animaisõ. O homem primordial viveria integrado à natureza como se entre ambos não houvesse distanciamentos. O uso dos signos simbólicos, portanto, define o homem como ser cultural. Desde o momento que o homem se serve de uma pedra

¹⁰ Cf FREUD S. O ego e o id. Rio de Janeiro: Imago; 1976.

como extensão do seu corpo ele começa a usar técnicas e tecnologias e seu cérebro passa a funcionar entre erros e acertos desse uso. Isso desenvolveu seu raciocínio lógico, quando, então, ele aprende a narrar e assim construir pensamentos com relações lógicas. Hoje, resquícios da percepção do homem, quando se distancia da natureza e se coloca à sua frente para entendê-la, acontece quando ele se encontra em situação de êxtase diante do desconhecido, como, por exemplo, na recepção de obras de arte, já que elas são signos com estranhamento em sua percepção imediata em uma apreensão feita por sensações, antes de ser interpretada. É nesse instante que mente e entorno refazem a mônada mente e entorno, sem distanciamento entre ambos. Isso vai de encontro às idéias de Staiger.

A tríade de Staiger

Antes de pensar o homem sentiu os ritmos da natureza e aprendeu a cantar: cantar e pensar são duas atividades que não coexistem harmonicamente, assegura Staiger (1972, p.39). O homem do canto antecede o homem do pensar e resquícios dos homens primordiais com seus rituais e danças estão presentes na linguagem lírica, que despreza um progresso de idéias em direção à clareza, deixando essa tarefa à prosa que tende à lógica no seu uso cotidiano. Técnicas de linguagens, como conjuntos de procedimentos de interação entre homem e seu entorno, obrigaram-no a passar do simples ato de sentir estímulos exteriores para procurar conhecê-los melhor e interpretá-los, a fim de modificá-los, em busca de minorar problemas de sua sobrevivência.

Na linguagem poética, a palavra é um objeto com forma e substância. O poeta traduz no poema sons onomatopáicos, icônicos semelhantes aos que ele ouve na natureza. São momentos de puro lirismo que Staiger entende como *stimmung* ou disposição anímica: (...) que não é nada que exista dentro de nós; e sim, na disposição estamos maravilhosamente fora não adiante das coisas, mas nelas e elas em nós (1972, p. 59). Ficamos possuídos pelo encantamento do inusitado, da alegria, da tristeza, do medo do desconhecido, ou inebriados de amor, ou seja, tomados por algo espacial ou temporal. Não se trata de presentificar algo passado, ou projetar algo futuro, mas sim, estar em um instante presente, em um yin/yang da mente e do mundo. O poeta lírico se dilui no *ore cordarö* (trazer de volta ao coração *cor, cordis*), provocado pela falta de distância entre sujeito e objeto: é o *um-no-outro* lírico (idem, p.60) (...); os poetas líricos, acrescenta Staiger, ouvem os sons e ritmos e sentem-se tocados pela disposição anímica (*stimmung*), sem

necessidade de compreensão lógica. Trata-se de uma compreensão sem conceitos, como remanescente da existência paradisíaca; linguagem que se comunica sem palavras, canto que se expande entoando as curvas melódicas do ritmo, continua ele. No lírico, o conteúdo das frases não tem importância para o ouvinte, e, por vezes, o próprio cantor não sabe bem do que se fala no texto. O autor se chocaria se lhe dissessem que não compreenderam sua canção; pois ele canta despreocupado e integrado no todo. Por isso, ele até pode desviar-se das regras e normas da língua em favor do ritmo. (pgs 23/24)

Para o poeta lírico, não existe substância, mas acidentes; nada que perdure; apenas coisas passageiras; nada resistente; nada de contornos; (...) uma paisagem tem cores, luzes, aromas, mas não tem chão, nem terra como base (...) quando falamos de poesia lírica (...) temos imagens, não como pinturas, mas visões que surgem e se desfazem novamente, despreocupadas com as relações de espaço e tempo. (...) (p.45). A alma não dá saltos, resvala. Fatos distanciados nela estão juntos, como se manifestaram; ela não necessita de elementos de ligação, já que todas as partes estão imersas no clima ou na disposição anímica lírica. A poesia lírica carece tão pouco de conexões lógicas, quanto o todo de fundamentação (p.45, 46) .

A díade aparece na fala quando a mente aprende a relacionar som com o objeto de modo indicial. Nesse momento, dá-se o conhecimento do mundo, onde não predomina mais o eu no mundo, mas o ele (mundo) diante do eu. Se o lírico é egocêntrico, o indicial tende ao momento do ele como um herói, sujeito das aventuras, ou seja, o momento épico. O terceiro instante é o da tríade em que o homem é um ser cultural que interage com seus pares. Assim, ela passa da sensação egocêntrica do seu entorno, para a cognição do mesmo ao discriminar objetos, para um terceiro instante quando o apreendido é representado de modo simbólico¹¹, onde está o tragédia ou representação até do próprio homem. É na terceiridade que os objetos adquirem valores simbólicos, sejam eles naturais (pedras, animais, cores, fogo, rios, raio etc), abstratos (número, ideia, forma geométrica etc). Se a primeiridade trata da talidade como pura qualidade; se no segundo, o objeto se torna um existente, o símbolo é produto de uma convenção tácita da mente social Segundo Peirce

De entre os fanerons, há certas qualidades sensíveis como o valor do magenta, o odor da essência da rosa, o som de um apito de locomotiva, o gosto da quinina, a qualidade da emoção sentida ao contemplar uma bela demonstração matemática, a qualidade do sentimento do amor, etc.(í) Esta pura qualidade ou talidade não é

¹¹ Symbolum é palavra grega que significava metades de uma espécie de moeda que hospedeiro e hóspede trocavam para que seus descendentes reconhecessem hospitalidades passadas ou alianças adquiridas; ou seja, algo feito de uma convenção, concretizadas em um sinal (partes das medalhas ou tabuinhas, e símbolo de algo. Hoje ele é a representação de algo dentro de um contexto cultural, feito por tácitas convenções..

em si própria uma ocorrência, como ver um objeto vermelho; é um puro talvez.»
(C.P. 1, 304)

O pensamento da criança e do homem primordial

Cabe aqui, ainda, uma comparação entre o desenvolvimento da mente da criança e o modo de pensar do homem primordial. Os primeiros homens sentiam e interagiam com seu entorno mais do que pensavam sobre ele. É o que se depreende também do modo de ação dos bebês, quando começam a aprender a falar e interagir com o mundo. Eles partem das sensações do seu entorno imitando ações dos que os cercam; depois, relacionam algo como sons e objetos no momento de imitação, como reproduzir o latido de um cão ao vê-lo. Esse é mesmo processo do uso dos símbolos dos nossos ancestrais, imitando sons naturais, misturados com gestos e frases musicais, que só depois começam a relacionar signos e objetos, de modo presencial e mais tarde ainda usar símbolos simbólicos, como representantes. Paulatinamente, as crianças adentram o terceiro estágio quando, então, aprendem a fazer abstrações, usando símbolos, em um processo de aprendizagem sócio-interativa, cultural. A escola educa a partir do ponto de vista do adulto culturalizado e inverte esse processo, partindo dos símbolos abstrativos¹² para a realidade exterior, o que contraria até mesmo princípios de pedagogia, como a piagetiana. Peirce demonstra que a palavra descontextualizada (e usa como exemplo a palavra ðestrelaö) para demonstrar que, nesse estágio, esse signo é um objeto sem referente fixo, ou seja, um signo vago, uma espécie de primeiridade. Os próprios lingüistas estruturalistas pensaram os signos verbais dentro de estruturas culturais e entendem que o conhecimento só pode ser feito a partir desses signos; os signos recortariam a nebulosa do pensamento e o objeto se apresenta à mente, e até descartam a necessidade da relação da palavra com o mundo exterior dos objetos, pois, para eles a relação significante/significado psíquica é suficiente. Os signos culturais recortam o universo e apresentam ícones e índices, por meio de símbolos, pois só assim se poderia falar deles.

¹² A pedagogia piagetiana entende que a primeira fase da criança ósensório motora ó até os dois anos, aproximadamente, ela desenvolve a função motora junto com a percepção; e a afetividade; passa depois pelo período pré-operatório dos 2 aos 7 anos quando desenvolve a linguagem ainda de modo egocêntrico; os 7 anos ela começa a desenvolver a lógica, sempre a partir do concreto; já aos 12 anos consegue operar abstrações puras. São a) reações circulares primárias, circunscritas a seu próprio corpo como chupar o dedo; b) secundárias, como a coordenação de esquemas simples que não ocorrem mais no corpo mas no meio social, como levar objetos à boca; c) terciária como coordenação flexível de esquemas secundários, experimentando novos meios que levam a um efeito desejado e que servem para "ver o que acontece". Exemplo, usar um objeto para lançar outro. (cf <http://ckruschel.vilabol.uol.com.br/smotor.htm>)

Se a escola, porém, respeitar a evolução natural do pensamento, ela vai recuperar elos perdidos na culturalização, e retomar o uso do ato sensível, antes do inteligível. Voltando a Peirce, ele demonstrou que a palavra não contextualizada é, praticamente, desreferencializada, o que contrariam as cartilhas que não possuem textos, mas um elenco de palavras. No poema, a imagem sonora, de sentido vago e ambíguo, é o meio que o poeta encontrou para devolver a primitividade da linguagem ao homem, ao desreferencializá-la e torná-la simples massa sonora, que imita de modo onomatopaico o mundo sensível. Ele retira a referência pragmática que se dá a ela na prosa cotidiana, na tentativa de reativar o poder criativo da palavra. A palavra em estado de dicionário é uma espécie *Eidos*¹³, como um objeto mental de aparência e forma praticamente como essência apenas; é mais um ícone de possibilidades, por ser de natureza imediata e corporal, da qual sentimos tudo, e, simultaneamente, nada sabemos e a palavra é o objeto que se nos apresenta com uma forma com falta de sentido e, por isso, na arte o leitor é uma espécie de co-autor, já que a palavra perde seu lado fascista.

O ícone corresponde, então, ao número Um de Peirce: onde a imagem não se rivaliza com mais nada, nem mesmo com a semelhança de sua própria imagem, pois aqui, tudo é monada Já vimos antes que o desencadear da semiose pertence ao número dois de Peirce, pois é a dualidade que indica a relação de existência concreta do objeto para uma mente. A palavra estrela ganha sentido e determina o seu significado na relação indicial; dando-lhe um saber mais definido. Na expressão *Estrela Dalvaõ* há a diminuição da ambigüidade do vocábulo, mas ela ainda não a elimina que só se desfaz, com mais contudência, em um ato de interpretação desse existente com a categoria da terceiridade, quando a mente faz a interpretação racional e cria o novo signo como um intepretante final. Por isso, Peirce entende que os interpretantes finais podem se subdividir em remático (palavra sem contexto); discissigno (frase) e argumento (silogismo) onde se alcança a plenitude interpretativa de um pensamento lógico e completo. O ícone, portanto, pode até possuir uma natureza interpretativa lógica linear, mas sem oposição, por ser mônada, sendo próprio do pensamento abduativo, onde há puras sensações de qualidade e sentimentos; já o

¹³ O aristotelismo entendeu que *eidos* ou imagem (que se aproxima de ícone de Peirce) é uma espécie de abstração que advém da experiência sensível, pois as coisas emitem cópias de si próprias, através da luz, que seriam assimiladas pelos sentidos e interpretadas pela mente, sendo, intromissão, enquanto esse *eidos*, para Platão, seria extromissão. Se o aristotelismo dera, então, as bases do realismo; o platonismo criara a ideia de uma espécie de pensamento *a priori* que o kantismo absorveu. Alias, *Eidos* não deve ser traduzido por *ôidéiaõ* no português. *Eidos* embora sejam formas imutáveis e universais, não são comuns a todas as mentes e não encerram uma idéia de generalidade, por depender das experiências anteriores da mente. Por isso, essa imagem é uma forma mais individual do que sociocultural e consensual, não sendo, portanto, da natureza do símbolo.

índice revela a dualidade, tal como a existência concreta de todas as coisas e que gera a relação de contigüidade como a parte que conduz ao todo, de modo indutivo, feito de observação, verificação, experimentação para chegar à razão, como sendo um passo além do primeiro; o símbolo, é a lei como produto da razão, que passou pela observação, verificação e experimentação. Esse ato de dedução acopla, de modo articulado, os dois primeiros procedimentos lógicos, já que ele tem dedução ou inferência, ou elaboração teórica e do mundo das leis e dos símbolos.

Quando uma criança em fase de aprendizagem da língua encontra-se com um símbolo verbal, por exemplo, a emissão/recepção da fala da palavra *õarminhoõ*, se ela não conhece o objeto a que esse conjunto de sons se refere, ela não conseguirá apreender a relação simbólica existente, mas sim, apenas a icônica da sonoridade dessa palavra quando emitida e quando recebida. Não ter significado cultural faz a criança encontrar em sua memória alguma relação de significação, criando relações inusitadas e não convencionais, a partir dos seus conhecimentos anteriores de língua. Isso não aconteceria se essa criança tivesse a visão instantânea icônica desse objeto *in natura*¹⁴. Aqui parece estar uma das diferenças cruciais da lingüística francesa que tem um signo diádico psíquico e o da semiótica norte-americana que se faz de modo triádico. Enfim, ouvir falar do mar e não sentir seu sal nem suas ondas é ter conhecimentos indiretos desse objeto não experimentado. Por isso, entendemos aqui, que a progressão do sentir, conhecer e interpretar está intimamente relacionado à evolução da mente humana.

Na mônada é a tenra e pura qualidade em termos de imedaticidade, originalidade, espontaneidade, liberdade que foge sempre que se ousar tocá-la; são simples sentimentos de cores, formas, texturas, sabores, perfumes, apenas como consciência imediata *in totum*, invisíveis e não analisáveis, porque não estão ainda aplicadas a objetos. Essa primeiridade é frágil e carece de um juízo perceptual que preceda uma síntese para ser uma diferenciação. Por serem naturais, as sensações de primeiridade, não estabelecem entre si qualquer tipo de relação com outro objeto. São signos em potência, possibilidades, incógnitas não atualizadas que ainda podem acontecer, seriam uma espécie de semente que não se conhece seu passado nem seu futuro, nem a planta que a gerou nem o novo arbusto que dela irá nascer, pois ela é simples presentidade e sensação não repetível. Segundo Peirce (1974,

¹⁴ Giovana, 2 anos e meio, ouviu de sua mãe *õvamos* ver se serve *õ* e colocou nos pés da criança um sapato que comprara para a mesma, sem proferir porém a palavra sapato. Após alguns dias a criança chora e fala *õvefeifeivõ* só depois de algum tempo a mãe consegue perceber que a criança queria vestir os sapatos. Ela prontamente relacionaou esse conjunto vocálico com o objeto e melódico como referente, Como esse não é o modo usual da língua, logo ela consegue entrar nas normas convencionais e usar a palavra sapato.

p.100), ela pode ser comparado a um sonho, pois o sonho, basicamente, não pertence à terceiridade, pelo contrário, é completamente irresponsável; enquanto, o objeto da experiência cotidiana, como realidade, intocada pela mente, mas sempre um existente, que já é um segundo. O desejo que busca ligar um ao outro é terceiro, ou médium. A secundidade ou díade, existência, ação e reação está na arena da existência cotidiana. Por ela, esbarramos em fatos reais que se nos impõem como estímulos exteriores, como obstáculos, factividades que não cede ao sabor de nossas fantasias. A mente descobre que existe e sente as ações externas e que está viva, sendo capaz de reagir em relação ao mundo na luta contra a sua vontade, formando a díade. Vimos que existir é estar nessa relação com o entorno, resistir e reagir, para ser e ocupar um tempo e espaço particulares. Onde há um fenômeno, há qualidade, isto é, sua primeiridade; agora, porém, a qualidade como parte do fenômeno, encarnado na matéria, que a mente lê para conhecer e aprofundar conteúdos, está além da mônada. A palavra chave deste conceito é *ocorrência*, o conceito em ação, ou seja, é a atualização das qualidades da primeiridade. Na terceiridade, há a verdadeira progressão do pensamento, quando aparece o signo novo intermediando signos e objetos, de modo, cultural, ato propriamente humano de produção de signos. Por isso, a arte foi o primeiro modo do homem representar seu mundo, como depreendemos em Vico.

Vico e as idades dos homens

O ato de declamar poemas, ligando palavra e gesto seriam resquícios da era poética do homem. Giambattista Vico (1668-1744) entendeu o homem primordial como um poeta do homem da barbárie, já que eles tinham um corpo mais sensorial do que propriamente intelectual e que o mesmo acionaria a imaginação, diante do inusitado do seu entorno que lhe provocava espanto. Trata-se da era dos Deuses, porque só eles tinham conhecimento da ciência. Os primeiros povos da gentilidade, por uma comprovada necessidade natural, foram poetas, e falaram por figuras poéticas

Os poetas teólogos, ou sábios porque compreendiam o falar dos deuses concebido com os auspícios de Júpiter. E foram denominados *divinos*, com o sentido de adivinhos, a partir do étimo *divinari*, que em sentido próprio significa adivinhar ou prever. E a ciência dessas adivinhações passou a chamar-se *musão*, definida acima por Homero como a ciência do bem e do mal, ou seja a adivinhação, a partir de cuja proibição estabeleceu. Deus para Adão a sua religião verdadeira, como se referiu nas Dignidades ó é como Vico se refere aos aforismas do livro primeiro do Estabelecimento dos Princípios -. A partir

dessa mística teológica, os poetas foram chamados pelos gregos *mystae*, que Horário com justeza verteu para *ōintérpretes dos deuses*, que explicavam os divinos mistérios dos auspícios e dos oráculos. VICO, Giambattista. *Da Sabedoria Poética. Coleção Os Pensadores de 1973. p. 81*

Já que sua primeira língua fora a dos gestos mudos. Em um segundo momento, apareceria o herói que possuiriam uma qualificação superior a dos plebeus: Nessa fase, o homem representaria o que imagina, criando o caráter vencedor de heróis imaginários e aparece a consciência de processos narrativos das causas e consequência. É a fase das fábulas e das narrativas contando histórias dos povos; em um terceiro momento, os homens se tornariam o centro, e passariam a viver a era da barbárie da reflexão e se reconheceriam iguais pela natureza humana. As narrativas modernas, ou do tempo dos homens como as comédias são próprias do gênero racional pela moral que passam. Vico entendeu que as línguas dos assírios, sírios, fenícios, egípcios, gregos, latinos iniciam-se nos versos heróicos, passam pelos jâmbicos que resultou na prosa, dando credibilidade à história dos antigos poetas. Assim, explica-se hoje versejadores que brotam nas classes mais populares.

Considerações finais

Outras tríades poderiam ainda ser enfocadas aqui. No entanto, as citadas aqui parecem ser suficientes para confirmar nossa premissa. Tudo indica que a linguagem não seja inata ao homem, nem mesmo um objeto doado a ele de modo *top-down*. Ele se tornou criador e criatura das ferramentas e técnicas que servem de expansão do corpo e desenvolveu certas capacidades como a de reconhecer e relembrar fatos por meio de signos não naturais, servindo-se de substâncias naturais, como o ar manipulado pelos inúmeros orifícios do crânio, para produzir a fala com signos simbólicos, dentro de contextos de interação comunicativa. Para entender essa caminhada, considerou-se que os signos usados pelos homens são tecnologias que lhes estruturam os pensamentos e que os conduziram a passagem de seres naturais para culturais, com o advento das linguagens, por emergência¹⁵ Assim se dá também a criação de códigos, leis e normas de uso de signos dessas linguagens. Se antes o homem era sensorio/contemplativo, foram os sistemas de linguagem que permitiram que ele usasse raciocínios lógicos. O homem se serviu de seqüências narrativas, para organizar seu mundo interior, que, naturalmente, era caótico. Saída de

¹⁵ JOHNSON, Steven. 2003. *Emergência ó a vida integrada de formigas, cérebros, cidades e softwares.*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor. Emergência é o ãmovimento das regras de nível baixo para a sofisticação do nível mais alto. (p. 14)

cânticos, danças, mitos, ritos, cheia de onomatopéias, o homem constrói a linguagem do cotidiano, capaz de informar ou persuadir, dando origem a outros gêneros, criando as instituições sociais com diferentes regras e normas de fala em cada uma delas. Como conseqüência, ele aprendeu a substituir os estímulos do objeto imediato da percepção, por um *representamen* arbitrário devido uma convenção tácita de uso do mesmo, dentro de uma comunidade falante.

O homem primordial contemplou os signo/objetos (um pássaro, por exemplo) do seu entorno, como simples sensações sinestésicas e, assim, povoou sua memória com diagramas dos objetos. De modo icônico, a mente também aprendeu a imitar o canto desse pássaro e em uma relação metonímica ligou canto e autor de modo, indicial. Assim, a mente operacionaliza signos representantes diferentes dos objetos representados e, desse modo, faz discriminações de objetos, discernindo características individuais¹⁶ dos mesmos. É o instante de cognição de mundo. Em um terceiro instante, porém, a mente cria seu próprio modo de representar o objeto, como sendo um signo terceiro, intermediador ou mediador entre *representamen* (signo) e representado (objeto): pássaro do mundo exterior e diagrama do mesmo no interior corresponde ao ícone; o ícone do som do canto do pássaro (outro ícone) em relação com o primeiro ícone pássaro, de modo natural gera a indicialidade entre ambos; mas uma terceira operação da mente aparece uma terceira possibilidade que traz em si as duas anteriores; aparece a palavra (o nome) como estilização, talvez, do próprio canto do pássaro para ser seu nome como produto de uso de uma comunidade de falantes. Como a língua é um material vivo, a estilização vai se distanciando da imitação inicial e aparece o signo convencional, arbitrário, articulado e até mesmo imotivado¹⁷. Como seria impossível tratar cada objeto do mundo com um nome singular o homem aprende a abstrair e a generalizar, sendo um meio econômico de interação, pois impede que as novas gerações iniciem suas caminhadas na vida a partir do nada. Nesse último momento, o signo/objeto, é um modelo padrão, abstraído de individuais existentes, cuja finalidade é inteirar mentes entre si. O diagrama, verbal ou não, permitiu a socialização dos pensamentos de almas coletivas. Embora todos os homens sejam semióticos *avant la lettre*, pois não há pensamento sem signo, estudar semiótica é perceber as sutilezas interativas entre as mentes

¹⁶ No Curso de Linguística Geral de 1916, Ferdinand Saussure distinguiria um signo de outro pela diferença; os fonemas /p/ e /b/ seriam oclusivos, bilabiais, mas o primeiro seria surdo e o segundo sonoro que na língua permite distinguir [pata] de [bata]; esse princípio estrutural, posteriormente, se tornaria base de toda a semântica.

¹⁷ Possivelmente palavras como õchuvaõ, õchuiscoõ enxurradaõ, õcachoeiraõ, por exemplo, tragam em si resquícios do barulho do cair e escorrer da água na natureza.

em relações, tanto com os objetos aprendidos de modo icônico ou indicial na natureza, ou mesmo dos símbolos de modo cultural.

Referências

FREUD S. *O ego e o id e superego*. Rio de Janeiro: Imago; 1976

HUISMAN, D. *Dicionário de Filósofos. Pitágoras* São Paulo: Martins Fontes, 2001

JAUSS, H. R. . *O Prazer Estético e as Experiências Fundamentais da Poiesis, Aisthesis e Katharsis*. In: LIMA, Luiz Costa (Coord. e Trad.). *A literatura e o leitor: Textos de estética da recepção*. 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002b. p. 85-103.

LÉVI-STRAUSS, C. *Mito e Significado*. Lisboa: Edições 70. 1978, p.33

MCLEAN, P. *The Triune Brain in evolution: Role in paleocerebral functions* de 1990 ver mais <http://www.cerebromente.org.br/n05/mente/limbic.htm> consulta em 24/06/2012

PEIRCE, C. S. *Escritos Coligidos* São Paulo: Abril Cultural, 1974. ó Col. Os pensadores

----- - *Collected Papers*, 8 volumes, ed. por Charles Hartshorne e Paul Weiss, para Cambridge, Mass., Harvard Univ. Press, 1931-1958; Peirce, C. S. - *Writings of C. S. Peirce: A Chronological Edition*, Bloomington, Indiana univ. Press, 3 volumes

PIAGET, J. *O nascimento da inteligência na criança*.. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

PIMENTA, E. D. *Simetria e Pensamento* conferência em OREZ Encontro Internacional de Simetria Trancoso, Portugal, editor: ASA Art and Technology 2007-disponível. <http://www.Emanuelpimenta.net/ebooks/archives> consulta de 24/06/2012

STAIGER. E. *Conceitos fundamentais de Poética*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1972

SANTAELLA L.. *Linguagens líquidas na era da mobilidade*. São Paulo: Paulus, 2008.

VICO, G.. *Da Sabedoria Poética. Coleção Os Pensadores de 1973*. p. 81

